

“Os estudantes não mandam flores”: projeto de memória do combate ao autoritarismo em Florianópolis (1968-2018) - Pedro Toniazzo Terres

**“Os estudantes não mandam flores”: projeto de memória do combate ao autoritarismo em Florianópolis (1968-2018)**

*"The students don't send flowers": memory project on the combat against authoritarianism in Florianópolis (1968-2018)*

Pedro Toniazzo Terres<sup>1</sup>

**Resumo:** Neste estudo busco analisar como o passado do movimento estudantil em Florianópolis, Santa Catarina, pode ser explorado e ressignificado com o presente através do projeto “Os estudantes não mandam flores: (1968-2018)”. Através da utilização e discussão teórica da técnica de refotografia, visio mostrar novas formas de abordagem e práticas a serem produzidas pelos historiadores para que, através da arte, o público geral tenha acesso e interaja com discussões mais profundas sobre as memórias da ditadura militar.

**Palavras-Chave:** Movimento Estudantil; Refotografia; História Pública.

**Abstract:** In this study I try to analyse how the past of the student’s movement on Florianópolis can be explored and ressignified with the present through the project “The students don’t send flowers: (1968-2018)”. Through the utilization and theoretical discussion of the techniques of rephotography, I seek to show new approaches and practices to be produced by historians so that, through art, the general public may have access to and interact with deeper discussions about the memories of the military dictatorship in Brazil.

**Keywords:** Student’s Movement; Rephotography; Public History.

A memória da ditadura militar permanece viva. Nas palavras da professora aposentada da Universidade Federal de Santa Catarina, Marli Auras, proferidas em uma aula pública no centro de Florianópolis, às vésperas da eleição de 2018, trata-se de um “passado que não passa”. O lugar aonde as palavras foram proferidas é prova cabal disso: O centro de Florianópolis, sobretudo os arredores da Praça XV de Novembro, como o Palácio Cruz e Sousa e as escadarias da Catedral Metropolitana, foram e são palco dos movimentos sociais, e em grande medida servem como coração pulsante da vida política na cidade. Conforme aponta o Relatório da Comissão Memória e Verdade da UFSC, o trajeto usual das passeatas estudantis já na década de 1960 ia “descendo a rua Felipe Schmidt no sentido da Praça XV de Novembro até a frente da Catedral Metropolitana, onde haveria concentração”<sup>2</sup>. Outro relato, do jornal “O Estado”, de 30 de maio de 1968, relata:

1 Graduando em História pela Universidade Federal de Santa Catarina, com interesse nas áreas de História do Tempo Presente, Teoria da História e História Pública. E-mail para contato pedroterres10@gmail.com

2 Relatório Final da Comissão Memória e Verdade da UFSC, vol. 1, p. 79.



“Os estudantes não mandam flores”: projeto de memória do combate ao autoritarismo em Florianópolis (1968-2018) - Pedro Toniazco Terres

Em frente à Catedral Metropolitana o cortejo se deteve para que os oradores começassem a falar ao povo. As escadarias do templo estavam completamente tomadas pelos populares. De um mini-palanque os acadêmicos de quase todas as Faculdades da UFSC pronunciaram discursos cuja tônica foi sempre a mesma: ataques a política educacional do governo, ao imperialismo americano e a Reitoria<sup>3</sup>.

De fato, durante a ditadura militar, dois grandes movimentos na história do movimento estudantil catarinense (e dos movimentos sociais como um todo) ocorreram nas imediações da praça: no evento relatado no jornal, em maio de 1968, os estudantes realizaram a primeira greve geral da história da UFSC, em protesto contra a situação precária da moradia estudantil, mas também contra o regime ditatorial como um todo; Em 1979, ocorrem os protestos da chamada “Novembrada”, na presença do último presidente do regime, João Figueiredo, com protestos generalizados contra a ditadura, com grande participação do movimento estudantil através do DCE da UFSC.

Figura 1 – Camadas de passado: Manifestações em frente à Catedral Metropolitana. Florianópolis, 1979/2018.



Autor: Pedro Toniazco Terres.

Já em 2018, o espaço da Praça XV de Novembro serviu também, em duas ocasiões, como ponto de encontro para a passeata do movimento “#EleNão”, organizado por diferentes coletivos de mulheres em protesto contra a candidatura de Jair Bolsonaro. O movimento teve escala nacional e, dentre as diversas críticas ao então candidato, apontava aspectos autoritários

<sup>3</sup> Jornal **O Estado**, 30-05-1968, Florianópolis, contracapa. Hemeroteca da Biblioteca Pública de SC.

“Os estudantes não mandam flores”: projeto de memória do combate ao autoritarismo em Florianópolis (1968-2018) - Pedro Toniazzo Terres

e críticas aos elogios feitos à ditadura militar e sua defesa no uso da tortura, além de diversas afirmações misóginas proferidas por Bolsonaro.

50 anos separam a Greve Geral de 1968 dos protestos do movimento “#EleNão” e 39 separam-no da Novembroada. Apesar da divisão temporal, os três eventos são unidos pelo espaço compartilhado, unidos pelas entidades estudantis (sobretudo o DCE da UFSC) presentes, unidos pela luta contra figuras autoritárias, sejam elas o reitor João David Ferreira Lima, o ditador João Figueiredo ou o candidato (e agora presidente) Jair Bolsonaro.

Tendo em vista as permanências entre os diferentes momentos históricos citados, nasceu o projeto “Os estudantes não mandam flores (1968-2018)”, uma exposição pictórica que se utiliza da técnica da refotografia para evidenciar as diferentes camadas do tempo. O projeto também se alinha com as discussões teóricas da História Pública, entendendo a arte (e nesse caso a técnica de refotografia) como um poderoso meio de transmissão de conceitos complexos da historiografia de forma acessível. Este estudo busca traçar a base teórico-metodológica do projeto, percorrendo sobre como práticas de rememoração e ressignificação do passado podem trazer ganhos nas disputas de memória que tomam conta da esfera pública, sobretudo as memórias relacionadas ao período ditatorial, sobretudo no estado de Santa Catarina. Sobre a refotografia, busca-se estudar em que medida ela pode trazer uma conexão mais profunda entre a audiência e a historiografia, buscando criar uma consciência histórica pautada pelas lutas dos movimentos estudantis.

### **Refotografia: memória em imagem**

A técnica de refotografia é um fenômeno recente, e que vem se popularizando, sobretudo, após a invenção da fotografia digital. O processo de refotografia consiste, em suma, em escolher uma fotografia antiga, e tendo ela como base, fotografar o mesmo objeto no presente, construindo uma terceira imagem, sobrepondo passado e presente. Seja através de fotos de família, de celebridades em sua adolescência ou a construção de locais famosos, a refotografia tornou-se prática comum na internet, sobretudo nas redes sociais da internet em que a imagem em si é o enfoque, como o *Flickr*, *Pinterest*, *Tumblr*, *Imgur* e *Instagram*. Em diversos cantos da internet, comunidades inteiras voltadas para criar e compartilhar experiências e projetos de refotografia, como é o caso da comunidade no *Reddit* “/PastAndPresentPics”, com mais de 33 mil participantes em junho de 2018<sup>4</sup>.

---

4 Disponível em: <https://web.archive.org/web/20180604225949/https://www.reddit.com/r/PastAndPresentPics/>



“Os estudantes não mandam flores”: projeto de memória do combate ao autoritarismo em Florianópolis (1968-2018) - Pedro Toniazzo Terres

Apesar de sua popularidade, salta aos olhos como a maior parte das contribuições dos usuários tendem a mostrar a passagem do tempo pura e simplesmente: a pessoa que antes era criança, torna-se adulta, o prédio que antes era novo e colorido, torna-se antigo e pálido. Como a refotografia pode transcender este tipo de rememoração de caráter efêmero e passar a abordar o passado de forma mais profunda, revelando o passado não apenas como mera passagem de tempo, mas como palco de mudanças sociais, culturais e estruturais? Aliás, será possível registrar mudanças históricas de forma tão profunda através da refotografia, ou mesmo da fotografia?”

Figura 2 - A figueira da Praça XV de Novembro, coração figurativo do centro da cidade. Florianópolis, 1968/2018.



Autor: Pedro Toniazzo Terres

As obras de autores como Jason Kalin parecem tensionar a uma resposta afirmativa, ao afirmar que:

By making the past and present appear simultaneously, rephotography brings into being multiple possibilities of people, places, and memories, of private lives and public displays. That is, rather than a representation of memory, suggests a practice of actively constructing and inhabiting memories and their times and places while also incorporating them into the present as active forces, as taking part in the world<sup>5</sup>.

5 KALIN, Jason. Remembering with Rephotography: A Social Practice for the Inventions of Memories. **Visual Communication Quarterly**, v. 20, n. 3, p. 168–179. (Tradução Livre): “Ao mostrar passado e presente simultaneamente, a refotografia dá vida a múltiplas possibilidades de pessoas, lugares, e memórias, de vidas privadas e manifestações públicas. Ou seja, a refotografia, invés de uma representação da memória, sugere a prática de ativamente construir e habitar memórias e seus tempos e espaços enquanto também incorporando-as no presente como forças ativas, tomando parte no mundo.”

Neste sentido, a refotografia permite (apesar de não garantir), através da representação simultânea, transmitir ideias e indicar mudanças históricas mais contundentes do que uma fotografia comum permite. Através da sobreposição, cria-se uma espécie de intertextualidade, e os sentidos e elementos de dois períodos distintos se equacionam, revelando e afirmando os distanciamentos e também as permanências.

Experiências interessantes que demonstram as potencialidades da refotografia podem ser encontradas em obras como “Rephotography and the Era of Witness”<sup>6</sup>, de Melissa Miles. A autora analisa o projeto “Ausencias”, produzido pelo fotógrafo argentino Gustavo Germano, cujo irmão desapareceu na ditadura argentina de 1976 a 1983. Em sua exposição, Germano utiliza-se de suas fotografias de família (e de outras famílias de desaparecidos da ditadura), e as fotografa novamente no presente, agora com as pessoas mais velhas, um tropo bastante comum dentro das comunidades de refotografia na internet, como já citado.

No entanto, claro, o significado é muito mais profundo, pois, justamente a ausência do irmão, a ausência dos desaparecidos são os objetos que se destacam nas comparações, e através do simples ato de colocar as fotografias lado-a-lado, transmite-se a ideia da perda e da dor das famílias que sofreram com o desaparecimento de um ente querido.

Figura 3 - A sacada do Palácio Cruz e Sousa, lugar de memória e palco da Novembrada. Florianópolis, 1979/2018.



Autor: Pedro Toniazzo Terres.

6 MILES, Melissa. Rephotography and the Era of Witness. *Photographies*, v. 9, n. 1, p. 51–69, 2016.

“Os estudantes não mandam flores”: projeto de memória do combate ao autoritarismo em Florianópolis (1968-2018) - Pedro Toniazco Terres

Neste sentido, parece-me que a tarefa do fotógrafo por trás do projeto de refotografia se assemelha ao trabalho do historiador ao fazer seu recorte. Toda a fotografia é uma construção, uma imagem que se embasa na realidade, mas que é manipulável, mostra uma fração da realidade. O fotógrafo, dentro de suas limitações, pensa a imagem de forma a passar uma determinada ideia, constrói uma narrativa a partir da realidade. Esta narrativa, sobretudo quando lidamos com uma fotografia vinda de outro tempo, traz consigo questionamentos eminentemente históricos: nas palavras de Roland Barthes, “(...) ela me induz a me espantar, dirigindo-me a pergunta fundamental: por que será que vivo aqui e agora?”<sup>7</sup>. De forma similar, o historiador enfrenta a tarefa de, a partir de sua fonte, construir sua narrativa, analisando nela um recorte específico a partir de sua fundamentação teórico-metodológica. Carlo Ginzburg, nesse aspecto, descreve bem esta parte do ofício do historiador:

(...) essas narrações provisórias delimitam um âmbito de possibilidades que, frequentemente, são modificadas ou até descartadas no curso do processo de pesquisa. Podemos comparar essas narrativas à instâncias mediadoras entre questões e fontes, as quais influem profundamente (ainda que não de maneira exclusiva) sobre os modos pelos quais os dados históricos são recolhidos, eliminados, interpretados – e, por fim, naturalmente, narrados<sup>8</sup>.

Portanto, o fotógrafo, sobretudo ao pensar em uma refotografia, constrói duplamente sua imagem, pois não deve apenas escolher uma imagem antiga que servirá de base para seus intentos, mas escolherá qual “presente” deverá fotografar como comparativo. Dando um exemplo do próprio projeto “Os estudantes não mandam flores”, uma vez escolhidas as fotografias da Novembrada, poderia ter facilmente ido para a Praça XV de Novembro em um dia comum e replicar as fotografias em seus ângulos originais; no entanto, refotografá-las durante a manifestação contra o candidato Jair Bolsonaro, historicamente apoiador do regime militar, trazem significados adicionais e falam de maneira mais contundente com o passado.

Tendo em vista este questionamento eminentemente histórico ao se deparar com uma fotografia antiga, um projeto de refotografia tem a capacidade de, com a intenção e as perguntas certas, trazer para seu público uma reflexão maior sobre o passado do ambiente a sua volta, tanto no sentido literal, como os prédios e ruas, mas também sobre as mudanças sociais e culturais que ocorreram. A passagem de tempo é apenas pretexto para indagar a audiência sobre

---

7 BARTHES, Roland. **A câmara clara**: notas sobre a fotografia. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984. p. 125

8 GINZBURG, Carlo. **Relações de força**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002. p. 72



“Os estudantes não mandam flores”: projeto de memória do combate ao autoritarismo em Florianópolis (1968-2018) - Pedro Toniazco Terres

quais foram as lutas e quais os movimentos históricos que moldaram e mudaram o cenário urbano e a sociedade em sua volta.

### Refotografia enquanto História Pública

O resgate da memória dos movimentos sociais em Santa Catarina, e aqui especificamente de Florianópolis são parte essencial das discussões sobre a construção de memória e de consciência histórica em Santa Catarina, sobretudo no que tangencia o período da Ditadura Militar. Apesar do extenso número de trabalhos acadêmicos realizados anualmente sobre a História de Santa Catarina, poucos são aqueles que chegam ao conhecimento do público geral ou implicam de forma mais contundente na formação e ressignificação da memória coletiva sobre o passado catarinense.

Neste sentido, a criação de disciplinas específicas e tópicos especiais voltados para a formação dos alunos em História Pública nas duas principais universidades de Florianópolis, UFSC e UDESC, tem sido e serão essenciais. As discussões do campo da História Pública vêm tomando, desde 2011, maiores espaços dentro das universidades brasileiras, sobretudo levando em conta as diversas ondas de revisionismo histórico e conservadorismo ocorridos na última década. Além disso, com a radical popularização das mídias digitais, as novas gerações de historiadores passaram a questionar qual o papel da História frente a existência e expansão de uma esfera pública digital.

Figura 4 - A necessidade da luta contra a repressão e a defesa da liberdade de expressão. Florianópolis, 1979/2018.



Autor: Pedro Toniazco Terres.

Como aponta Ana Maria Mauad<sup>9</sup>, o espaço público visual contemporâneo, a partir do século XX, passa a depender de forma ostensiva nas fotografias e no registro imagético. As fotografias da ditadura militar, seja a da morte de Vladimir Herzog ou da passeata dos cem mil, com um jovem pichando “Abaixo a ditadura!”, fazem parte do imaginário coletivo sobre o período, e presentes em diversos livros didáticos, almanaques históricos, páginas da internet e capas de livros. Este projeto de refotografia encoraja a divulgação e utilização das imagens sobre o movimento estudantil em Florianópolis, armazenadas nos acervos da cidade, para que elas passem a fazer parte também do espaço público visual das pessoas, da memória coletiva sobre o regime ditatorial.

A Hemeroteca da Biblioteca Pública de Florianópolis contém as edições físicas do jornal o Estado, excelentes fontes para encontrar fotografias e coberturas sobre os movimentos sociais em Florianópolis durante a ditadura, e talvez a principal fonte sobre a Greve Geral de 1968<sup>10</sup>. Além disso, a Agência de Comunicação da UFSC, a AGEKOM, tem um extenso acervo de fotografias de toda a história da UFSC, sendo a maioria das fotografias utilizadas no projeto provenientes do acervo da AGEKOM.

O projeto “Os Estudantes Não Mandam Flores” realizado no final de 2018, buscou mostrar as possibilidades da utilização das imagens históricas do passado da cidade de Florianópolis para a criação de refotografias que sensibilizassem o público em relação ao passado e à memória viva da cidade. Apesar do projeto ter sido uma experiência limitada, realizada no contexto de uma disciplina de graduação e sem muitos recursos, demonstra os potenciais e as possibilidades da técnica da refotografia como uma prática de História Pública a ser utilizada em projetos futuros e com horizontes mais abrangentes.

## Referências

BUDDE, Leani; VAZ, Alexandre Fernandez. **Jornalismo e ditadura em Florianópolis: sobre o jornal O Estado**. Estudos em Jornalismo e Mídia, v. 11, n. 1, p. 191–202, 2014.

---

9 MAUAD, Ana Maria. Como as fotos visualizam a história pública? In: MAUAD, Ana Maria; SANTHIAGO, Ricardo; BORGES, Viviane Trindade (Org.). **Que História Pública Queremos?: What Public History do We Want?**. São Paulo: Letra & Voz, 2018. p. 121-129.

10 Uma excelente obra que analisa a cobertura do jornal O Estado durante a ditadura pode ser encontrado em BUDDE, Leani; VAZ, Alexandre Fernandez. **Jornalismo e ditadura em Florianópolis: sobre o jornal O Estado**. Estudos em Jornalismo e Mídia, v. 11, n. 1, p. 191–202, 2014.



“Os estudantes não mandam flores”: projeto de memória do combate ao autoritarismo em Florianópolis (1968-2018) - Pedro Toniazco Terres

KALIN, Jason. Remembering with Rephotography: A Social Practice for the Inventions of Memories. **Visual Communication Quarterly**, v. 20, n. 3, p. 168–179, 2013.

MILES, Melissa. Rephotography and the Era of Witness. **Photographies**, v. 9, n. 1, p. 51–69, 2016.

BARTHES, Roland. **A câmara clara**: notas sobre a fotografia. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984. p. 125.

GINZBURG, Carlo. **Relações de força**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002. p. 72.

MAUAD, Ana Maria. Como as fotos visualizam a história pública? In: MAUAD, Ana Maria; SANTHIAGO, Ricardo; BORGES, Viviane Trindade (Org.). **Que História Pública Queremos?: What Public History do We Want?**. São Paulo: Letra & Voz, 2018. p. 121-129.

---

Recebido em 05 de novembro de 2018.

Aceito para publicação em 15 de julho de 2020.

